

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**TERAPIA OCUPACIONAL**

**ANA CAROLINA OLIVEIRA ARÊDES**  
**ANA JÚLIA ALVES**

**OCUPAÇÕES E A "VIDA FÁCIL": histórias de prostituição**

**BELO HORIZONTE**

**2022**

**ANA CAROLINA OLIVEIRA ARÊDES**  
**ANA JÚLIA ALVES**

**OCUPAÇÕES E A -VIDA FÁCIL- histórias de prostituição**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, apresentado para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador: Alessandro Tomasi.

**BELO HORIZONTE**

**2022**

*õJoga pedra na Geni*

*Joga pedra na Geni*

*Ela é feita pra apanhar*

*Ela é boa de cuspir*

*Ela dá pra qualquer um*

*Maldita Geniõ*

Chico Buarque

## **RESUMO**

Nesta autoetnografia, objetivava-se relatar e analisar as dificuldades encontradas ao tentar contactar profissionais do sexo para um projeto de pesquisa da Terapia Ocupacional. Buscando trabalhar com as potencialidades da autoetnografia como gênero de pesquisa social, apresentamos e hipotetizamos fatores causais e as peças-chave importantes que reconhecemos como obstáculos para o reconhecimento identitário das prostitutas, como o medo da violência que ainda cerca a profissão tanto na execução da atividade ou na vida fora do trabalho dessas mulheres, e como consequência, a dificuldade de acessá-las para a realização do projeto.

**Palavras-chave:** Prostituição. Mulheres. Autoetnografia.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A experiência da construção da pesquisa	7
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.3
REFERÊNCIAS	145

## 1 INTRODUÇÃO

A prostituição no Brasil começa a ser identificada a partir do século XIX e a criminalização da profissão era caracterizada pelo uso da violência empregada pela polícia com o objetivo de garantir a moral pública, já que a profissão era vista como uma doença física, social e moral (ALMEIDA, 2019). Apenas em 2002, a atividade foi reconhecida como uma profissão pelo Ministério do Trabalho e até hoje, 20 anos depois, é ainda cercada por estigmas, estereótipos e violências, tanto durante o exercício profissional, como fora da atividade.

Segundo Goffman (1980, p.8), o estigma é a "situação do indivíduo que é inabilitado para a aceitação social plena e remete a um atributo profundamente depreciativo, resultando em um agente produtor de exclusão, desqualificando o indivíduo estigmatizado. Tendo consciência da presença do estigma sobre as profissionais do sexo na sociedade sabemos que este pode contribuir para o segregamento destas mulheres dos serviços de cuidado e saúde, das informações e recursos e da possibilidade de melhoria na qualidade de vida das mesmas (ALMEIDA, 2019), pois prostitutas, como categoria trabalhadora, não possuem nenhum tipo de amparo, direitos ou garantias legais por parte do Estado (DIAS, 2018).

Além disso, uma onda ultraconservadora vem anulando a disputa pela criação de políticas públicas no país voltadas para esse grupo, pois na atual conjuntura política se faz presente o discurso da criminalização, especialmente das relações de trabalho na prostituição. Isso se dá devido ao retorno de demandas pautadas em valores e princípios, principalmente morais-religiosos, que encaixam com os ideais defendidos pelos principais atores do cenário político brasileiro. A presença da posição social ou ideológica que muitas vezes vem baseada em questões morais, políticas e essencialmente religiosas dificultam ainda mais a legitimação da luta pela concepção e implementação de leis e políticas públicas capazes de beneficiar as trabalhadoras do sexo (DIAS, 2018).

As profissionais, então, são vistas como vítimas de um sistema opressor, de uma análise externa, retratando uma realidade de extrema violência, segregação, desqualificação e inferiorização (DINIZ e MAYORGA, 2018). Os autores ainda relatam que elas são vistas a partir de duas perspectivas: uma no qual elas são vítimas desse sistema, como foi citado, e outra onde tem total autonomia e escolha sobre o que estão fazendo.

rente a este cenário, o tema "prostituição" vem sendo apresentado como objeto de estudo em algumas pesquisas, principalmente de cunho social, à fim de desmistificar e

desvilitizar as profissionais que trabalham com sexo. Essa titulação vai muito além de somente uma ocupação, pois há diversos fatores sociais, morais, de ordem governamental, religiosa e de questões de acesso à saúde e cidadania que devem sempre ser lembrados quando se trata desse tema, a fim de diminuir os estigmas e preconceitos que rodeiam essa profissão e garantir melhor qualidade de vida para as profissionais (PAIVA *et al.* 2019).

Tendo em vista a marginalização, segregação, estigmas e preconceitos que cercam essa profissão, além também da falta de material teórico na área da Terapia Ocupacional, pensamos em realizar o projeto de pesquisa, intitulado *Ocupações e a vida fácil: histórias de prostituição*, afim de produzir uma aproximação entre o núcleo de conhecimento da terapia ocupacional e a temática prostituição. Advertimos os(as) leitores(as), no entanto, que o resultado desta pesquisa não foi como o esperado, ao menos inicialmente. Adiantamos, sem a intenção de apresentar resultados, que o texto abaixo foi construído como um percurso metodológico do estudo, e não como as histórias das profissionais do sexo, como sugere o título (que decidimos manter, apesar da guinada temática). Desta forma, o objetivo deste estudo foi apresentar o percurso metodológico na construção de aproximações teórico-práticas entre a temática prostituição e terapia ocupacional. Desejamos uma excelente leitura.

## 2 A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Inicialmente, a intenção desta pesquisa, conforme apresentado anteriormente, era construir uma aproximação entre a temática da prostituição e o núcleo de conhecimento da terapia ocupacional. Sendo assim, o primeiro movimento foi o delineamento teórico do estudo, considerando que já tínhamos um projeto de pesquisa aprovado<sup>1</sup> no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Naquele momento, classificamos o estudo como descritivo e exploratório e elencamos como projeto de execução a construção de um documentário sobre a prostituição, um tema ainda considerado tabu pela sociedade.

Encaminhado o primeiro planejamento, avaliamos a possibilidade de contato com a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG). Essa Associação, de acordo com o *site* oficial<sup>2</sup>, é uma agente de direitos ao trabalho, promoção da cidadania e de combate à violência de gênero, putafobia, exploração sexual de crianças e adolescentes, violência contra a mulher e ao tráfico de pessoas; com uma importante atuação como agente de saúde e segurança públicas, além de agente cultural<sup>3</sup> (APROSMIG, 2022).

Para conhecimento, as organizações de prostitutas no Brasil, iniciaram-se na década de 1970, com as denúncias de violências e assassinatos de travestis e prostitutas, numa área conhecida como *boca de lixo*<sup>3</sup>, zona de prostituição em São Paulo. Em 1987, ocorreu o I Encontro Nacional de Prostitutas, e a Rede Brasileira de Prostitutas foi fundada. A partir disso, criaram-se novas associações que articularam-se acerca de demais demandas que surgiam, geralmente envolvendo autonomia, representação e participação social e política dessa categoria profissional (DE SOUSA, 2017). A APROSMIG, como organização, surgiu com a proposta de construir uma mobilização das profissionais do sexo em Minas Gerais, para o combate às políticas higienistas e policiaesca que prevalecem ainda hoje em 2022, e que marcam a história e a luta dessas profissionais (DINIZ, 2018).

Tendo em vista esse contexto de luta e promoção de cidadania, APROSMIG, ao nosso ver, seria a organização perfeita para fazer a ponte para o diálogo entre as profissionais do sexo e nós, pesquisadoras. O contato, entretanto, demorou. Apesar de insistentes ligações, *emails* e mensagens no *whatsapp*, não recebemos retorno. Este ponto, considerando o tempo disponível para a construção do estudo, começou a gerar ansiedades: teríamos tempo

---

<sup>1</sup>CAAE 26424419.8.0000.5149, sob responsabilidade do prof. Alessandro Tomasi, docente do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO) da UFMG e orientador das autoras.

<sup>2</sup>Endereço eletrônico: <https://aprosmig.org.br/>

<sup>3</sup>Grifo nosso.

suficiente para a produção de entrevistas, gravação do documentário e edição de material até a data limite para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? Alguma outra via seria possível na construção do processo? Algum novo contato deveria ser feito?

Assim, após semanas de espera, a resposta finalmente chegou, mas não sem um *balde de água fria* *podemos entrar em contato com as prostitutas associadas, mas achamos bem difícil que elas queiram participar*. Este novo cenário implicou em um novo momento de planejamento já que, aparentemente, nossa ideia inicial de conseguirmos pelo menos 3 voluntárias para a pesquisa ia se desfazendo. Embora soubéssemos que o contato com as profissionais do sexo seria difícil, principalmente pelos moralismos sociais já consolidados no imaginário social e construídos através do senso comum conservador, bem como dos achismos presentes sobre a prostituição, sobre as prostitutas, sobre os bórdeis e tudo que envolve a profissão, ainda tínhamos a esperança de que o meio acadêmico seria um referencial que teria algum peso e influência na relação, tanto com a Associação quanto com as profissionais.

Frente a esta dificuldade, uma nova reunião de planejamento se fez necessária. Naquele momento, avaliamos uma nova possibilidade: estabelecer contato com agências *online*, o que alterava, de alguma forma, a população-alvo da pesquisa, já que as profissionais seriam acompanhantes de luxo.

Importante salientar a diferença entre as profissionais do sexo que atendem e buscam seus clientes em casas de prostituição, boates, bórdeis e as acompanhantes de luxo, que utilizam *sites* e mídias sociais como vitrine e conseguem seus clientes expondo fotos e vídeos (muitas vezes construídas por fotógrafos profissionais) em *sites* e plataformas virtuais.

Por um lado as profissionais do chamado *baixo meretrício* se deparam com condições materiais de vida e trabalho mais difíceis, logo que sua vitrine é a rua e outros espaços onde estão constantemente expostas à situações de violências. Ainda, são profissionais com menores taxas de escolaridade, maior exposição a situações de risco à saúde e maior contato com uma clientela que, de certa forma, compartilha as mesmas dificuldades das profissionais que ofertam os serviços sexuais. Silva (2016) aponta que as prostitutas *de rua*, por vezes, não tiveram boas oportunidades de vida, são menos recompensadas pela prestação do serviço e por vezes, o trabalho é mediado por cafetões ou agenciadores, prática ainda comum no exercício da profissão. Por outro, as acompanhantes de luxo encontram a antítese deste cenário: geralmente têm melhores condições materiais de vida, trabalho,

possuindo maiores níveis de escolaridade, de acesso à saúde, menores graus de exposição à violência<sup>4</sup> e maior remuneração em relação ao serviço prestado.

Por outro lado, o profissional do sexo de luxo sofre um preconceito duplo advindo da sociedade. Primeiro, porque exerce uma atividade que vai contra os princípios morais padrões estabelecidos, em segundo, por praticá-la por vontade própria, um desejo pessoal. De acordo com a literatura publicada sobre a prostituição de luxo, há uma tendência ao prazer nesta profissão, apesar dos questionamentos a ela atribuídos, no que diz respeito à liberdade e à corporalidade destas profissionais (ARAÚJO, 2017, p2).

Uma segunda tentativa de contato com as profissionais se deu através de uma plataforma de anúncios de acompanhantes de luxo, muito comuns entre essas profissionais, e através de mídias sociais. Nessa forma de prestação de serviços, as profissionais pagam uma taxa para a empresa administradora da plataforma e, através do *site*, fazem a mediação entre as acompanhantes e os clientes. Através desta tentativa, obtivemos resposta de apenas uma plataforma, na qual o administrador mostrou-se disposto a ajudarmos a divulgar o projeto para suas clientes e, caso houvesse interesse das mesmas, entrariam em contato diretamente conosco. Até o fim do desenvolvimento deste texto, não havíamos obtido respostas e nem houveram voluntários para a participação no projeto.

Frente a essas dificuldades, vivenciadas ao longo de um ano de vivência do TCC, considerando os limites apresentados pelo campo e também os nossos, optamos por transformar a proposta inicial de um documentário em um relato autoetnográfico não sobre os resultados alcançados na pesquisa, mas sim sobre vivência do processo de construção desta, buscando trabalhar as potencialidades e barreiras da pesquisa com características etnográficas como gênero de pesquisa social. Santos (2007) afirma que esse método diz sobre uma " [...] conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao -dar voz para quem fala e em -favor de quem se fala".

### **Reflexões sobre o processo**

Como reflexão inicial, tecemos duas considerações importantes: a primeira, que o trabalho deu errado e, a segunda, que foi um avanço importantíssimo para as pesquisas com características etnográficas no campo da pesquisa social. Claro, se pensarmos no método proposto inicialmente, a realidade cabe na primeira consideração. Como pesquisadoras que se

---

<sup>4</sup> Não consideramos aqui que as acompanhantes de luxo não possuem exposição a cenários de violência. No entanto, é ímpar refletir que a população que consome esse tipo de serviço também possui melhores condições materiais de existência.

dispunham a construir um trabalho de campo, certamente não obtivemos êxito, como pode ser constatado na descrição anterior. Desta forma, se olharmos exclusivamente para os resultados, assumindo uma tese fechada em si mesma, a falta destes resultados (enquanto transcrições, análises e relações com os referenciais teóricos do campo de estudo, ou seja, uma pesquisa que considere como resultado um conjunto de procedimentos que devem ser executados) é, de fato, uma derrota.

Por outro lado há que se pensar, na mesma medida, que a produção do conhecimento científico deve considerar não exclusivamente os procedimentos e a materialização destes, mas sim a aplicação de uma ou outra metodologia, de forma à manutenção da fidedignidade dos dados, expondo as possibilidades e barreiras que permeiam cada ação do projeto. Neste sentido, apresentamos na sequência algumas reflexões sobre todo o processo de construção deste estudo. Nossa primeira reflexão foi sobre o que havíamos errado nos métodos de contato. Claro, inicialmente, avaliamos que não houve erros: tentamos contato insistente com uma Associação representativa, pelas vias Institucionais. Ora, como isso poderia dar errado? Afinal de contas, como representantes do conhecimento científico, sistematizado e vinculadas a uma universidade, jamais poderíamos, à época, conceber que não haveriam portas abertas. Afinal de contas, tínhamos um TCC para finalizar e o tempo corria contra nós. Mas a verdade é que as dificuldades não estavam nos métodos de contato que utilizamos, mas talvez em uma certa prepotência na crença de que seríamos atendidas simplesmente porque sim. Sobre essa reflexão talvez, se tivéssemos mais tempo e paciência para realizar esse contato de forma gradual, com aproximações sucessivas (e tão necessárias) com as profissionais e os campos de estudo, para que um vínculo fosse construído e, somente a partir disso, tivéssemos proposto a participação na pesquisa, aí então as mulheres teriam se sentido à vontade para se abrirem e dialogarem conosco sobre as suas histórias de vida.

Na mesma medida, refletimos que a forma dos contatos poderiam/deveriam ter sido melhor planejadas, mesmo que com tempo, para que a nossa presença no local fosse algo leve, em um processo construído em parceria e sem trazer a sensação de que elas fossem consideradas apenas objetos de estudo, como sujeitos que são, tratadas pessoas importantes para a construção de algo que excede o conhecimento acadêmico, mas sim em processos de apropriação da existência individual e coletiva, como mulheres e como trabalhadoras.

Chegamos a considerar, também, que houve certo desinteresse das profissionais do sexo em participar do estudo, o que nos pareceu uma contradição imensa, já que a produção de um documentário poderia fornecer um espaço de escuta, de compartilhamento de histórias pessoais e/ou de trabalho e, ainda, abriríamos uma oportunidade para que essas profissionais

tivessem voz ativa para contarem sobre suas vidas e suas experiências, sem julgamentos morais ou represálias sociais.

O que não consideramos, porém, foi o receio que essas profissionais sentem em serem expostas, seja pela profissão que exercem, pelos estigmas sociais que vivenciam ou por qualquer outro elemento que permeie a vida cotidiana de cada uma delas. Receio esse, que chega ao ponto, possivelmente, de ser a principal razão para que elas não quisessem conversar conosco.

Quando fizemos os convite através da APROSMIG e da plataforma *online*, frisamos muito a questão do anonimato e sigilo das mesmas, mas o que garantiria que não nos encontrássemos com uma colega de bairro, ou da universidade? O medo que elas sentem de se mostrarem, é entendível. Esse constrangimento, por vezes, faz parte do cotidiano dessas mulheres e obviamente, se pode ser evitado, será. Mas como demonstrar isso para essas pessoas que são violentadas pela sociedade de diversas formas todos os dias?

Tendo em vista que o Brasil ainda é um país misógino e que ainda há muita disparidade de gênero em diversos âmbitos, como na saúde, no trabalho e no acesso à educação, uma das hipóteses a considerar pela impossibilidade na execução do plano inicial é o fato das prostitutas apresentarem medo de se exporem. Medo da violência e hostilidade advinda do meio em que vivem, da própria família, dos amigos e de quem ainda tenha a mente cercada pelo conservadorismo machista e patriarcal, estruturais na nossa sociedade.

Contraditoriamente o meio acadêmico, que deveria ser um espaço de diversidade e de pluralismos, pautado na construção de conhecimentos que instrumentalizassem a sociedade no processo de superação de estruturas e pensamentos hegemônicos, ainda reproduz, como nós mesmas fizemos, um modelo que mais afasta do que agrega. Reproduzimos a soberba acadêmica em diferentes momentos do processo de construção desse estudo, até a compreensão do que deveria ser diferente. Mas como avançar em relação ao pensamento hegemônico, para além da academia?

Um dos principais slogans das bandeiras de luta da Rede Brasileira de Prostitutas desde os anos 2000, é: "Sem vergonha garota, você tem profissão" (OLIVAR, 2012). Esse movimento de regularização da profissão reforça a importância da prostituição ser reconhecida como trabalho, a fim de reforçar e potencializar o identitário das profissionais.

A identidade, apresentada como uma definição que os sujeitos têm de si e dos outros, oriunda das relações de socialização (PEREIRA et al 2018), se apresenta como identidade dividida em personagem, nos estudos da psicologia social com profissionais do sexo: quando trabalham, assumem uma personagem, que geralmente se registra com um nome de

guerra que representa papéis específicos que se cumprem ali, durante o exercício da profissão.

Já em casa, com os amigos, com a família e no território, assumem outra personagem, uma mulher com outros papéis sociais a serem desempenhados e mostrados ali: uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro (MORAES, 1995 p. 125) e, no momento em que essas duas vidas de alguma forma se cruzam, geralmente são conflitantes. Há o medo da hostilidade, da putafobia, e isso também pode explicar o insucesso no contato direto com essas mulheres, a não vontade de falarem conosco, de contarem suas histórias e de certa forma, se exporem.

Em algumas de suas músicas Chico Buarque discute de diferentes maneiras a prostituição nos levando a questionar várias questões decorrentes sobre o tema. Em *Las muchachas de Copacabana*, lançada no ano de 1985, o artista expõe a necessidade de se atribuir uma nova identidade para cada momento, para cada oferta. Além disso, no decorrer da música temos o momento em que a prostituta deixa sua identidade profissional e volta a ser a filha que está distante da mãe, que manda dinheiro e lembranças para a família. De acordo com Calderano (2014 p. 82) a impossibilidade de existência de instituições sociais amorais é retomada na dualidade da profissão. Ora muchacha, ora filha, nunca as duas ao mesmo tempo, revelando novamente a necessidade de uma nova identidade para o exercício desta profissão devido a todo estigma e violência sofrida por essas profissionais, evidenciando a necessidade do sigilo e o medo de serem reveladas.

Para a terapia ocupacional, a relação com o tema prostituição possui uma riqueza em potencial, não somente pelas possibilidades de construção do conhecimento, mas sim pela potência em estabelecer nexos com a vida de cada mulher que vivencia este trabalho e possui, intrinseca e extrinsecamente, a necessidade de viver diferentes papéis, conflitantes e complementares entre si, em uma rotina recheada de elementos produtores de saúde e de adoecimento.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão dos estigmas e história da luta das profissionais do sexo por políticas anti higienistas e por maior segurança, pensadas no modelo anti policialesco, reforçam a necessidade dos estudos acerca da ocupação e do reconhecimento identitário dessas mulheres.

Realizar este estudo, e lidar com a frustração do contato, nos fez refletir sobre a importância de protagonizar novos métodos de registro na terapia ocupacional, como a autoetnografia, que orienta-se pelas vertentes da metodologia, cultura e do conteúdo real: do que deu certo ou o que não deu tão certo assim.

Neste sentido, pensar e repensar a forma torna-se tão importante quanto objetivar o conteúdo da pesquisa, em uma proposta de supressão da pesquisa abjeta, moralista, condenatória. No caso do objeto deste estudo, essa nova configuração não pode ser baseada na moralidade que condena a prostituição como atividade laborativa, e contamina as demais esferas da vida dessas mulheres e as isola a lugares restritos, nos quais ela pode circular e falar de forma controlada, assumindo uma outra identidade.

A experiência de algo que pode ser considerado como uma tentativa mal sucedida nos proporcionou uma nova visão acerca do que estávamos estudando, nos levando a questionar o que poderia ter sido feito de maneira diferente, além de possibilitar o contato com um gênero de pesquisa social que não temos o costume de encontrar na terapia ocupacional.

A autorreflexão sobre a vivência que tivemos possibilitou o questionamento de questões as quais não havíamos nos atentado anteriormente em relação às nossas atitudes e comportamentos durante o processo. Ademais pudemos refletir acerca de diversas questões sociais que englobam a prática da prostituição, fator fundamental para se realizar um estudo com o tema e o formato escolhido, pois trata-se de uma pesquisa de cunho social, sendo necessário, portanto, refletir a respeito dos desdobramentos socio-históricos que produziram a realidade hoje vividas por essas profissionais, aspectos que impactaram diretamente a adesão dessa população ao nosso estudo inicial.

Devido aos motivos acima citados, o frustrante desfecho de nossas tentativas de contato nos concebeu uma oportunidade de refletir sobre os motivos de nosso insucesso e, com isso, de uma tomada de consciência de problemáticas que contribuirão positivamente para nossas futuras ações de aprofundamento e prosseguimento com a temática de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA VC; COSTA JC. Mulher e profissional do sexo: considerações sobre prostituições, saúde, trabalho e Terapia Ocupacional . **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.37-52, 2019.

ARAÚJO LB; SILVA TL. « Sexo e afeto », **Ponto Urbe** [Online], 21 | 2017, publicado online no dia 22 dezembro 2017, consultado o 10 novembro 2020. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3573>.

CALDERANO, Camila Fonseca de Oliveira. **Anas, Bárbaras, Carolinas e Januárias:** tipologias femininas nas canções de Chico Buarque de Hollanda. Associação Brasileira de Literatura Comparada, Juiz de Fora, 16 jul. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/534>.

CAMPOS, Ana Julia Soares; BETTY, Ingrid Barbosa; GEMMA, Sandra Francisca Bezerra. Reflexões sobre o trabalho das prostitutas no Brasil contemporâneo. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, [s. l.], v. 13, ed. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2021.v13i2.16291>.

DE SOUSA, Fabiana Rodrigues. **Putas que falam:** Reflexões sobre autonomia e protagonismo político de prostitutas. Disponível em: [1503772315\\_ARQUIVO\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FGe.pdf](https://dype.com.br/1503772315_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FGe.pdf) (dype.com.br). Acesso em: 20 set. 2022.

Dias, L. B. Uma reflexão crítica entre Prostituição e Políticas Públicas no Brasil: avanços, retrocessos e conjuntura sociopolítica. **Revista Dos Estudantes De Públicas - REP**, v.2, n.1, p.44666, 2018.

DINIZ, A. MAYORGA. **Notas zoneadas sobre politica-de-putas em tempos de golpe:** sobre o encontro com prostitutas que lutam e labutam na Zona Boêmia de BH. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-BCEGW7>. Acesso em 18 nov. 2022.

GOFFMAN E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LOPES, N. Fabulação auto etnográfica - experiência e posição numa pesquisa sobre õprostituição de luxoö. **Cadernos Pagu** v.65, 2022:e226506.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila:** prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. p 125.

OLIVAR, J. M. N. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis? **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**, v.11, p.88-121, 2012.

QUEM SOMOS. [S. l.]. Disponível em: <https://aprosmig.org.br/sobre>. Acesso em: 13 jul. 2022.

RODRIGUES Pereira, Jefferson; Martins de Paiva, Kely César; Palhares dos Santos, José Vitor; Veloso e Sousa, Caissa. ãO show tem que continuarö: encaços e percalços do ser/estar prostituta. **Contextus ó Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v.16, n.3, p. 151-180, 2018, Universidade Federal do Ceará Brasil DOI: <https://doi.org/10.19094/co>.

SANTOS, SM. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v.24, n.1, p.214-41, 2007.

SILVA, João Vitor Dias Da. De quenga a acompanhante: as diferenças de classe e a necessidade de uma regulamentação. **Anais... CONAGES**, 12. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18424>.